Vida de imigrante (V) Tráfico de humanos As vítimas que chegam a Portugal são usadas sobretudo para o negócio do sexo. Também há casos de escravatura laboral, mas são difíceis de detectar e praticamente não há denúncias das situações. Durante seis dias, o DN conta histórias da imigração. **Amanhã:** Sem documentos

Ⓣ Céu Neves Ⓕ Gonçalo Santos

Escravatura laboral está escondida

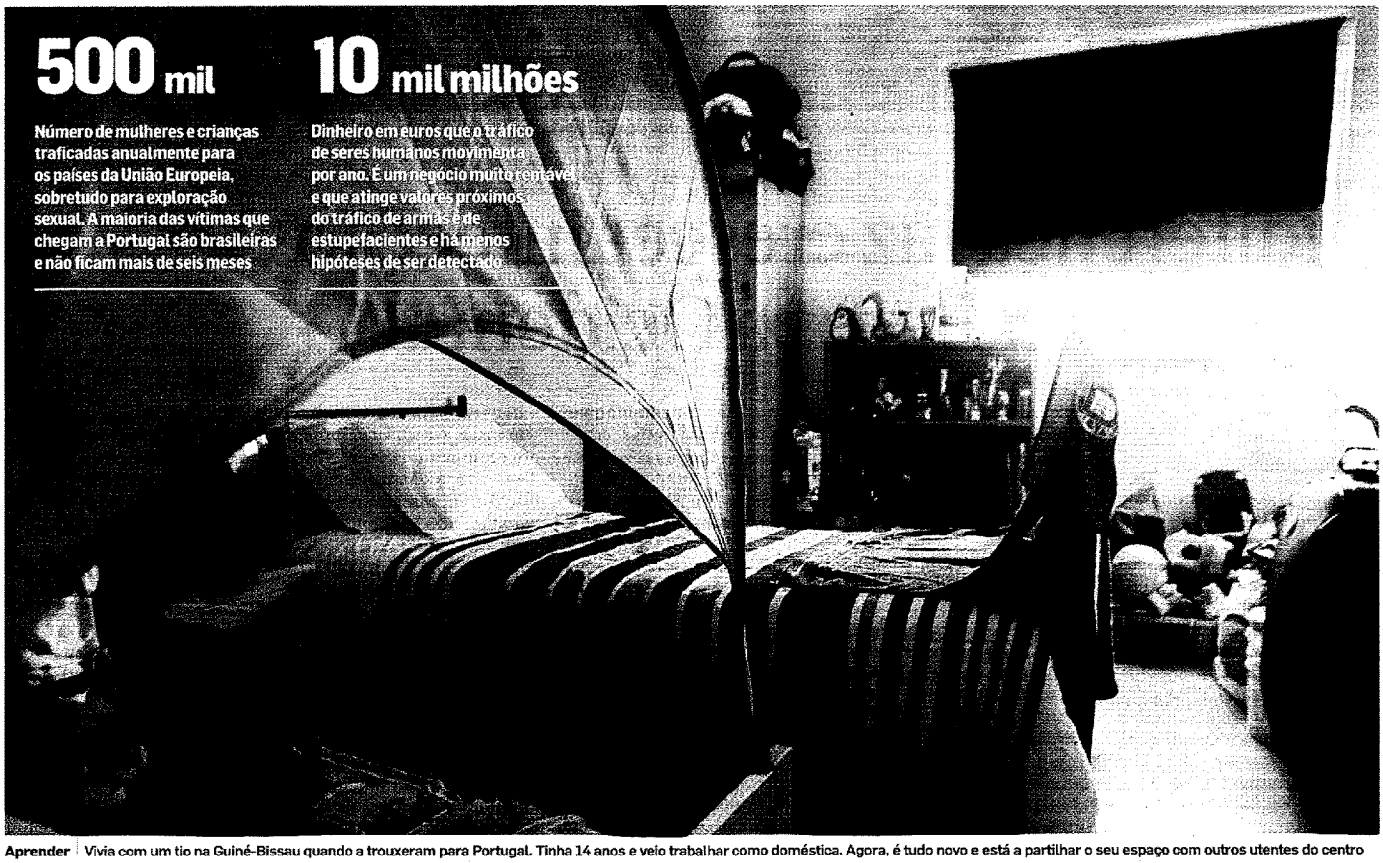
A rota do tráfico de seres humanos também passa por Portugal. Ao País chegam sobretudo vítimas de exploração sexual, mas também há casos de escravatura laboral. Só que não há denúncias e estas situações são difíceis de detectar pela polícia.

"As vítimas de tráfico para exploração laboral em Portugal são jovens, entre os 18 e os 24 anos, e vivem e trabalham em condições desumanas. Mas estes casos não são denunciados, mesmo quando as vítimas se queixam junto das organizações não governamentais (ONG). "O que pedimos às ONG é que denunciem as situações para em conjunto criar mais-valias e combater o fenómeno. A ajuda é um paliativo, não resolve o problema, explica o inspector-chefe Vítor Marques da Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB) da PJ. Por outro lado, estes casos podem estar a ser investigados no âmbito das redes de auxílio à imigração ilegal, sendo difícil perceber se se trata de tráfico ou não.

Vítor Marques sublinha, no entanto, que o tráfico para exploração laboral é exercido sobretudo junto dos portugueses no estrangeiro. O novo Código Penal vai punir com penas de dois a oito anos prisão os angariadores deste tipo de mão-de-obra se a vítima é adulta, e entre três a 12 anos no caso de ser menor.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima deu recentemente apoio a uma chinesa, que demorou anos até denunciar a situação. Foi comprada aos pais na China para casar em Portugal. Trabalhava nas lojas da família e em casa, além de ser agredida pelo marido e pelos seus familiares. Nunca recebeu dinheiro.

As situações de exploração sexual são mais facilmente detectadas pelas polícias, nomeadamente nas acções de fiscalização à imigração ilegal junto de estabelecimentos nocturnos. Estas mulheres também se queixam de violência, sobretudo as originárias do Leste europeu, conclui um estudo de Madalena Duarte, socióloga e investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, apresentado ontem num seminário sobre o tema, em Lisboa. As vítimas do negócio do sexo são geralmente brasileiras e trabalham em casas de alterne. Há também mulheres da Europa do Leste e da Nigéria a prostituírem-se na rua. As redes de tráfico de brasileiras são artesanais, enquanto que as europeias são organizadas e violentas. E há uma grande discrepância entre o número de investigações e os casos que vão a julgamento. As pessoas têm medo de denunciar. ■



500 mil

Número de mulheres e crianças traficadas anualmente para os países da União Europeia, sobretudo para exploração sexual. A maioria das vítimas que chegam a Portugal são brasileiras e não ficam mais de seis meses

10 mil milhões

Dinheiro em euros que o tráfico de seres humanos movimenta por ano. É um negócio muito rentável e que atinge valores próximos do tráfico de armas e de estupefacientes e há menos hipóteses de ser detectado

Aprender | Vivia com um tio na Guiné-Bissau quando a trouxeram para Portugal. Tinha 14 anos e veio trabalhar como doméstica. Agora, é tudo novo e está a partilhar o seu espaço com outros utentes do centro

Djai "Vivi cinco anos fechada em casa"

Djai passa os dias a desenhar letras num caderno que a acompanha para todo o lado. Não saberia repetir a maioria delas sem ajuda. Está a aprender a ler e a escrever português. Também aprende a viver em liberdade e a conviver. Até há poucos meses, os outros só lhe dirigiam a palavra para dar ordens ou para a maltratar. Trouxeram-na da casa de um tio na Guiné-Bissau para Lisboa, há cinco anos. Trabalhava como doméstica, sem autorização para sair.

"Vim trabalhar para casa de uma senhora, era empregada interna. Comia e eles davam-me algumas roupas. Nunca recebi dinheiro. Não sei se pagaram ao meu tio para me trazer. Diziam que eu iria ter uma vida melhor. Trataram-me muito mal. Não tenho pais e não conheço ninguém em Lisboa", conta Djai, 19 anos, que prefere não divulgar o seu nome verdadeiro. A sua história de vida é arrancada a conta-gotas.

É filha de mãe senegalesa e de pai guineense. Nasceu no Senegal, país que deixou quando os pais morreram, para ir viver com uma avó na Guiné-Bissau. Quando esta morreu, foi morar e casa de um tio. Aos 14 anos, trouxeram-na para Portugal. Veio para uma prisão, algures numa casa de Lisboa. Era vigiada.

Presa fácil

"Vivi quase cinco anos fechada em casa, também não sabia o que fazer se saísse. Não sabia bem como é que eram as coisas aqui. Quando comecei a perceber melhor, vi que já não dava, mas não conhecia ninguém. Quando consegui fugir, fui ter com a polícia e fiz queixa", explica. O processo está em segredo de justiça.

Foram os serviços da Segurança Social que encaminharam Djai para o Centro de Acolhimento Pedro Arrupe, em Lisboa. Ela ocupa os tempos livres a escrever. É de poucas palavras, mas sorri quando se fala no seu sonho. "Quero estudar, tirar um curso", diz. "Só precisa de ter os documentos, tem muita capacidade", acrescenta Filipa Louro, coordenadora do centro.

E o futuro?

Djai não tem documentos. Os "patrões" esconderam-nos. Com a intervenção das autoridades competentes – a Judiciária e o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) –, seria fácil obtê-los, mas são falsos. Quem a trouxe da Guiné-Bissau falsificou a certidão de nascimento e uma procuração do tio, para que pudesse viajar para Lisboa. Agora, um oficial de ligação do SEF no Senegal está a ver se há registo do seu nascimento para obter a documentação. ■